

O CONTEXTO DA EXPANSÃO URBANO-INDUSTRIAL DE AMERICANA-SP: DO PEQUENO AGLOMERADO À CIDADE INDUSTRIAL

Gracieli TRENTIN¹

Maria Isabel Castreghini de FREITAS²

Resumo

Este trabalho se insere em meio ao contexto de crescimento das cidades brasileiras, sobretudo de porte médio, nas últimas décadas. O objetivo foi elaborar um panorama espaço-temporal correspondente à formação e expansão da estrutura urbana do município de Americana, entre as décadas de 1940 e 2000, considerando a localização da indústria e sua dinâmica espacial, bem como os fatores históricos e socioeconômicos. Assim, foram elaborados sete cenários de ocupação urbano-industrial a partir de produtos cartográficos e de sensoriamento remoto e ainda de dados cadastrais do município. A análise da ocupação urbano-industrial de Americana permitiu verificar a forte influência da política nacional no cenário econômico local, principalmente do processo de desconcentração industrial da metrópole paulista que intensificou a atividade industrial já presente, ampliando ainda mais a área urbanizada que se tornou predominante. Este fato reforça a necessidade de ações de planejamento diante das possibilidades de crescimento econômico e, por consequência, urbano e populacional.

Palavras-chave: Organização espacial. Ocupação urbana. Localização industrial. Sistema de informação geográfica.

Abstract

The context of Americana-SP urban-industrial expansion: from small agglomerate to industrial city

This paper is inserting into the context of Brazilian cities growth, especially on medium size ones, in the last decades. The aim was elaborate a spatial-temporal view corresponding to the formation and expansion of urban structure of Americana town, between 1940 to 2000 decades, regarding the industry location and its spatial dynamic, as well as historic and socioeconomic factors. Therefore, seven urban-industrial scenarios were elaborated from cartographic and remote sensing products and cadastral data of the municipality. The analysis of Americana urban-industrial occupation allowed verify the strong influence of national politics in the local economic scenario, mainly of the São Paulo metropolitan area industrial desconcentration. This trend intensified the already existent industrial activity, expanding more the urbanized area that has become predominant. This fact reinforces the necessity of planning actions considering the possibilities of economic, urban and, as a consequence, population growth.

Key words: Spatial organization. Urban occupation. Industrial location. Geographic information system.

¹ Doutoranda em Geografia – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas – E-mail: gracitrentin@yahoo.com.br

² Profa. Dra. do Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – E-mail: ifreitas@rc.unesp.br

INTRODUÇÃO

Ao longo do processo histórico brasileiro podem ser apontados muitos elementos e fatores que determinaram as características da rede urbana, do desenvolvimento industrial e também da própria população. Nesse sentido, o cenário econômico externo, os direcionamentos tomados pelo sistema capitalista, os conflitos mundiais e o crescimento populacional aliado ainda a políticas de desenvolvimento econômico e social internas, tiveram um papel significativo na formação do cenário atual do país.

A partir da década de 1960 verificou-se um crescimento urbano acelerado da maioria das cidades brasileiras, porém de modo desordenado, em virtude do aumento populacional e do desenvolvimento industrial. Nesta época a população urbana brasileira já representava 45% do total segundo o IBGE, e na década seguinte (1970) supera o contingente rural (56%), tendência que se manteve ao longo dos últimos anos.

Neste contexto, Carlos (1989) ressalta a profunda alteração provocada pela industrialização na divisão social e espacial do trabalho, implicando em mudanças no modo de vida do homem. Segundo a autora, a aglomeração da população, dos meios de produção e capitais em pontos específicos do espaço converge para a multiplicação de pontos de concentração produzindo uma rede urbana articulada e hierarquizada.

No Brasil, verificou-se a forte concentração industrial no centro-sul, principalmente no Estado de São Paulo, no entanto, esta concentração tendeu a constituir-se em deseconomia. Este fato, aliado às ações do governo a partir da década de 1970, influenciaram o início de um processo de desconcentração industrial, mais visível no entorno da metrópole paulista, o qual permitiu a maior industrialização dos municípios de porte médio localizados nas proximidades.

Americana, área de estudo deste trabalho, foi um dos municípios que recebeu indústrias derivadas da metrópole paulistana. Além disso, apresentou, ao longo do tempo, destacado desenvolvimento industrial, principalmente no ramo têxtil, impulsionando o aumento populacional e, por consequência, o crescimento urbano. A partir disso, configurou-se sua mancha urbana, que ocupa grande parte de seu território e representa um desafio aos administradores locais na busca de alternativas viáveis de planejamento urbano para um espaço cada vez mais restrito, visto às poucas áreas remanescentes para futura ocupação.

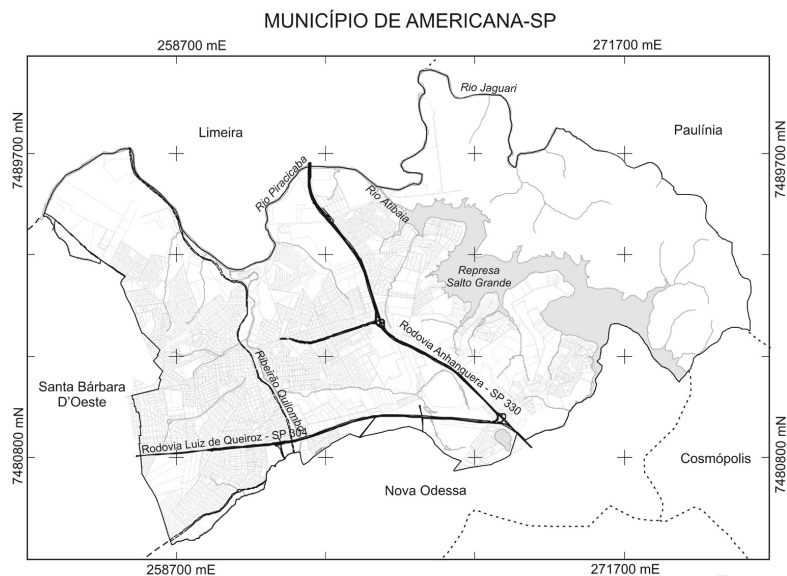
Uma vez que a demanda por infra-estrutura urbana, na maioria dos casos é maior que a oferta, a ocupação do espaço urbano ocorre de maneira irregular, desencadeando uma série de impactos ambientais e socioeconômicos. Tal fato reforça a necessidade de planejar as cidades, sobretudo aquelas de porte médio, em face de suas maiores tendências ao crescimento e expansão, como é o caso da área em estudo.

O município de Americana faz parte da região metropolitana de Campinas e situa-se no eixo de desenvolvimento do interior paulista, a rodovia Anhanguera, na depressão do médio Tietê. Caracteriza-se ainda pela predominância de relevo plano com colinas suaves, fator que favoreceu a ocupação urbana. Ademais, suas altitudes são pouco variáveis, entre 500 e 650 metros e apresenta predomínio de baixas declividades, de até 12% (IPT, 1981; TRENTIN, 2008). O município possui área de 144 Km² e taxa de urbanização de aproximadamente 98% (SEADE, 2006). A figura 1 mostra sua localização no estado de São Paulo.



Fonte:
Instituto de Pesquisas Espaciais, 2007
Elaboração e Organização: Trentin, 2007

0 40 80 km



Fonte:
Base Cartográfica da Prefeitura Municipal de Americana-SP, 2006
Elaboração e Organização: Trentin, 2007

0 1 2 km



**Figura 1 - Localização do município de Americana
no estado de São Paulo**

Nesta perspectiva de entrelaçamento e posterior independência entre os processos de urbanização e industrialização, propõe-se a elaboração de um panorama histórico com a finalidade de entender a formação e a expansão da estrutura urbana e industrial do município de Americana, ao longo do período entre as décadas de 1940 e 2000, que está em curso.

Assim, analisou-se a influência da indústria no processo de expansão urbana de Americana, considerando sua localização e dinâmica espacial, bem como, os fatores históricos e socioeconômicos que propiciaram tal desenvolvimento urbano-industrial. Ademais, deu-se oportunidade ao uso das geotecnologias em análises vinculadas à compreensão da dinâmica urbana e também como subsídio ao planejamento urbano.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para elaborar o panorama referente à expansão urbano-industrial de Americana foram espacializadas a ocupação urbana e a atividade industrial. Os cenários de ocupação urbana foram obtidos por meio de fotografias aéreas (1962, 1977, 1996) para as décadas de 1960, 1970 e 1990, imagem Landsat TM (1988) para o cenário de 1980, imagens do Google Earth para o cenário atual (2005-2007), e representações da área urbana cedidas pela Prefeitura Municipal para as décadas de 1940 e 1950.

Tais produtos cartográficos passaram a compor um banco de dados no software Spring, onde foram georreferenciados a partir da base cartográfica do município. Posteriormente a área urbana de cada cenário foi individualizada, cuja etapa apoiou-se em Anderson et al. (1979), quando afirmam que a área urbana ou construída corresponde a áreas de uso intenso, com grande parte da terra coberta por estruturas. A opção por esta orientação se deve ao fato da mesma considerar como área urbana os espaços realmente utilizados para tais funções.

Já a espacialização da atividade industrial foi elaborada com base nas informações contidas no cadastro de atividades da Prefeitura Municipal, que correspondem à data de abertura das indústrias ao longo dos anos. Cada atividade cadastrada detém um número de registro junto ao Setor de Cadastro Técnico, cuja informação está de acordo com o mapa base do município. Assim, foi possível a localização e espacialização de cada indústria do município ao nível de quadra, sendo esse o menor detalhamento representado pelo mapa base disponibilizado. A partir de tal procedimento foi possível a representação de aproximadamente 92% dos estabelecimentos industriais de Americana, constantes no cadastro. Ao final foram obtidas sete representações cartográficas para a ocupação urbano-industrial, por meio dos quais foram sintetizadas as informações para toda a série temporal.

Em vista de o processo histórico constituir-se em instrumento para a compreensão das peculiaridades da cidade, das formas de gestão que se sucedem ao longo do tempo e que visam formar um quadro de referências locais, servindo de matéria-prima na busca de respostas às questões urbanas contemporâneas (LIMA, 2002), será abordado, inicialmente, o contexto da ocupação e desenvolvimento do território que hoje constitui o município de Americana.

COMO TUDO COMEÇOU

A partir do final do século XVIII inicia na Inglaterra a Revolução Industrial que repercutiu sobre o sistema de divisão internacional do trabalho, enquanto no Brasil, conforme

Furtado (1999), desenrola-se uma prolongada fase de dificuldades econômicas e transtornos políticos. Na região onde se situa o município de Americana, ocorriam as entradas e as bandeiras que utilizavam o rio Piracicaba até atingir o Tietê e então Goiás. Surgem, nessa época, poderosos engenhos e, são concedidas grandes sesmarias a fim de obter maior volume de produção para exportação. A partir de parcelas das terras de sesmarias surgiram as fazendas Salto Grande e Machadinho, as quais protagonizaram a formação do município de Americana (GOBBO et al., 1999).

Em 1850, em meio à fase de instalação de indústrias, ferrovias, telégrafo e empresas de navegação havia a necessidade de mão-de-obra na cultura cafeeira, o que resultou na imigração de colonos europeus, que se intensificou com a expansão do café, conforme Furtado (1999), nos anos de 1860 do século XIX.

Americana também recebeu imigrantes europeus, mas a corrente migratória que se destacou foi de sulistas norte-americanos que, insatisfeitos com o desfecho da Guerra de Secessão (1865) em seu país, vieram para o Brasil onde ainda persistia o trabalho escravo. Estes colonos inseriram novas técnicas de cultivo e novas culturas na região, entretanto, não podem ser considerados responsáveis pela efetivação de qualquer núcleo urbano, pois se fixaram em fazendas esparsas pelo território local.

Logo, a imigração européia e as atividades comerciais, decorrentes do crescimento do mercado urbano, foram os elementos que desencadearam o processo industrial brasileiro. A influência da imigração, o fim do trabalho escravo e, o consequente início do trabalho assalariado foram fatores de grande importância no processo de industrialização. Prado Júnior (1979) aponta que a imigração foi decisiva para a industrialização, principalmente no centro-sul do país que se tornou a área mais urbanizada e industrializada.

De acordo com Geiger (1963), a introdução das estradas de ferro, decorrente da revolução no setor dos transportes nesse período, estimulou o surgimento e desenvolvimento de redes urbanas. Foi justamente com a implantação da estação ferroviária de Santa Bárbara, em 1875, que principiou a formação do núcleo urbano de Americana - iniciativas de loteamento de terras por parte dos proprietários de fazendas próximas. A aglomeração urbana ficou conhecida como Vila dos Americanos, uma vez que servia de escoadouro de mercadorias, sobretudo dos colonos norte-americanos a partir da estação férrea.

Naquele mesmo ano, às margens do Ribeirão Quilombo, próximo a sua foz no rio Piracicaba, foi instalada a primeira indústria têxtil, a Fábrica de Tecidos Carioba, que estava inserida em parte das terras da fazenda Salto Grande. A matéria-prima da indústria era suprida pela produção de algodão da própria fazenda (GOBBO et al., 1999; BRYAN, 1974).

A partir de 1902, esta indústria alcançou projeção nacional e na sua proximidade emergiu o bairro Carioba, que era populoso e se tornou tão ou mais importante que a própria Vila (BRYAN, 1974). Tal fato, segundo Lima (2002), foi determinante para a urbanização de Americana, uma vez que a superioridade de Carioba em relação à Americana era fonte de divisas, de reconhecimento e até orgulho, constituindo um espaço bem definido, separado do núcleo urbano principal, e com uma dinâmica própria.

No período de 1880 até 1924 o movimento industrial brasileiro foi acentuado, em decorrência de crises que perturbaram a economia agrária, afetando o valor do câmbio e as importações de produtos industriais. O desencadeamento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) constituiu-se no fator de maior impacto para o desenvolvimento da indústria do país. Conforme apontam os dados do censo de 1920, apresentados por Prado Júnior (1979), verifica-se um aumento substancial no número de estabelecimentos industriais instalados durante o período do conflito. Além disso, segundo Geiger (1963), o próprio crescimento da população de imigrantes passou a exigir maior produção.

Na década de 1920, a atividade industrial concentrou-se na capital paulista, enquanto no interior fixaram-se os núcleos agroindustriais, mas também existiam estabelecimentos industriais, sobretudo têxteis. De acordo com Lencioni (2003), já nessa época, cerca de

30% da produção industrial paulista era proveniente do interior, com destaque para as regiões de Sorocaba e de Campinas, que concentravam 21,2% dos operários do estado de São Paulo.

A atividade industrial de Americana, por sua vez, formou-se a partir da fábrica Carioba, de onde saíram os primeiros tecelões que, ao juntarem suas economias, compravam teares usados e instalavam-nos na própria residência. Com a ajuda da família, prestavam serviços, inicialmente para a empresa Carioba que lhes fornecia os fios e os rolos para serem transformados em tecidos, assim surgiu a atividade feçonista local.

A expansão das indústrias feçonistas ao longo da mancha urbana e o próprio impulso proveniente da guerra alteraram o desenho urbano de Americana. Em 1922, a população da Vila era estimada em 4.500 habitantes, sendo o mais promissor distrito de Campinas e, embora existissem ideias emancipacionistas nessa época, somente em 1924 foi criado o município de Vila Americana, que passou a ser denominado Americana no ano de 1938 (BRYAN, 1967).

O cenário econômico brasileiro, a partir de 1929, passou a apresentar um período de desequilíbrio no comércio externo aliado ainda à crise cafeeira. Assim, conforme Andrade (1979) inicia-se a fase de substituição das importações. Bresser-Pereira (1979) denomina o período a partir de 1930 de Revolução Industrial Brasileira e destaca também a influência da indústria e do Estado na renda nacional.

Inserida nessa conjuntura histórica, Americana assistiu a uma expansão considerável do setor industrial. Surgiram mais indústrias conforme Bryan (1967), e em 1937 já estava instalada uma centena delas, predominando as tecelagens.

Neste contexto, verifica-se que o desenvolvimento do setor industrial impulsionou o crescimento da população, a ocupação do espaço urbano e a economia local. Isso mostra a complexidade que o sistema tende a adquirir com o maior entrelaçamento de seus elementos, passando a apresentar uma dinâmica espacial mais expressiva nos períodos posteriores.

A ESCALADA DA EXPANSÃO URBANO-INDUSTRIAL DE AMERICANA

O contexto histórico de 1940 à contemporaneidade

Os conflitos mundiais e a crise da economia primário-exportadora renderam uma situação de semi-isolamento ao Brasil e conduziram-no a uma industrialização tardia com base exclusiva no mercado interno. Este cenário, de acordo com Furtado (1999), é o pano de fundo do processo histórico brasileiro. A redução nas exportações, em virtude da II Guerra Mundial estimulou a indústria de base e o mercado interno, destacando-se a indústria têxtil (ANDRADE, 1979; PRADO JÚNIOR, 1979), além da instalação de empresas estatais. Andrade (1979) ressalta também a intensificação no crescimento dos centros urbanos na década de 1940, relacionado com a industrialização e modernização da agricultura da época. No entanto, a mão-de-obra proveniente do êxodo rural já não era totalmente absorvida o que contribuiu para o crescimento das periferias urbanas com condições precárias.

A acelerada expansão industrial a partir da década de 1940 repercutiu também em Americana, com o advento dos fios artificiais na atividade têxtil. Apesar da estagnação da indústria Carioba, novas empresas instalaram-se e o grau de independência quanto ao ciclo de produção dentro do próprio município aumentou, sem precisar recorrer a São Paulo. Gobbo et al. (1999) ressaltam que nesse período Americana passou a atrair imigrantes de outras áreas do estado e do país, provenientes principalmente de áreas agrícolas, em busca de melhores condições no emprego industrial.

Ao longo da primeira metade da década de 1950 mantiveram-se as características de crescimento econômico e industrial da década anterior, constituindo-se em decênio de grande desenvolvimento pós-guerra, sendo assim tratado por autores como Bresser-Pereira (1979) e Andrade (1979). No entanto, o fator de maior impacto nessa década foi a política econômica do Plano de Metas proposta pelo então presidente Juscelino Kubitschek, eleito em 1956.

Tal plano visava modernizar e ampliar as obras de infra-estrutura e desenvolver a indústria pesada (ANDRADE, 1979). Entretanto, a concentração industrial em São Paulo acentuou-se, pois o Estado dispunha os principais fatores para a instalação de indústrias, como capital, mercado consumidor, disponibilidade de mão-de-obra e transportes. Negri (1996) ressalta que em 1949 a indústria paulista concentrava pouco menos da metade do PIB industrial brasileiro, em 1956 alcançaria 52% e no final da década de 1950 atingiria os 55,6%.

Em virtude do contínuo crescimento econômico nessa década, vinculado a inserção de capitais e estímulo à industrialização, o município de Americana não diferiu da tendência seguida pelos municípios que apresentavam atividade industrial e também desenvolveu sua indústria, além do acentuado crescimento populacional.

Em razão da concentração de renda, inflação, aumento do desemprego e subemprego e da queda dos altos índices do PIB, o programa de metas de JK foi suspenso em 1961 e, em 1964, o país passou a ser governado por militares. Nesse ano, conforme Andrade (1979) buscou-se alternativas a fim de superar a crise advinda do período anterior, até 1968, quando, segundo Singer (1982), processou-se a ascensão conhecida como *milagre brasileiro*, cuja causa básica vinculou-se à política liberal de crédito encontrada pela economia após vários anos de recessão, o que permitiu o avanço da industrialização; entretanto, a dívida externa tornou-se vultosa. Negri (1996) destaca o período a partir de 1967 como o início da segunda fase de industrialização pesada.

Ainda nos anos 1960, a partir da instalação de unidades de produção estrangeiras e com a desconcentração industrial da metrópole paulistana, até então incipiente, muitos municípios, mais próximos ou com boa acessibilidade à metrópole, passaram a desenvolver políticas para atrair novas indústrias, com o fornecimento de infra-estrutura urbana, doação de terrenos, isenção de impostos, criação de distritos industriais etc. (SAMPAIO; CRUZ, 1992). Como resultado desse período de desenvolvimento do cenário econômico nacional, em Americana um dos fatores de maior impacto foi o acentuado acréscimo populacional da década de 1960, aliado a inserção de indústrias derivadas da desconcentração industrial paulistana.

O início do caos urbano - crescimento desordenado, poluição, deseconomias de aglomeração, entre outros - é apontado por Negri (1996) como resultado da concentração populacional do fim da década de 1960 e início de 1970. O caos agravar-se-ia durante o regime autoritário pós-1964, fazendo com que o governo se preocupasse com uma solução atrelada a investimentos em infra-estrutura. Porém, havia outros interesses maiores competindo com tal problemática. Desse modo, começam a ser planejadas políticas de desconcentração e descentralização como forma de resolver conjuntamente a questão urbana (Planos Nacionais de Desenvolvimento - PND).

Assim, na década de 1970, em meio ao predomínio das características do *milagre econômico*, são propostos o I e o II PND, que apresentavam como metas o desenvolvimento econômico do Brasil de modo a conseguir destaque internacional e elevação da renda per capita (NEGRI, 1996; CARNEIRO, 2002). Entretanto, com o agravamento da crise internacional, relacionada ao petróleo, no final da década de 1970, o II PND é interrompido, mas os resultados apontavam uma redução dos níveis de concentração econômica. Embora a indústria de São Paulo mostrasse um ritmo de crescimento elevado nessa década, sua participação econômica diminuiu em contrapartida do desempenho apresentado pela periferia nacional (NEGRI, 1996).

A migração industrial para o interior do Estado efetivou-se sem dificuldade em virtude da infra-estrutura básica homogênea advinda da expansão territorial da cafeicultura. Dessa forma, cresceram os municípios pequenos do entorno e cidades de porte médio, localizados junto aos eixos rodoviários principais (SAMPAIO, 1987; LENCIONI, 1998). No entanto, embora muitas indústrias buscassem situar-se em cidades do interior ou ao longo de eixos rodoviários, seus centros de comando permaneceram na capital paulista, em vista de sua importância e repercussão no espaço econômico mundial.

Desse modo, por estar inserido no contexto relativo à desconcentração industrial paulistana, Americana-SP constituiu-se num dos destinos escolhidos para instalação de indústrias originárias da capital.

Ao longo da década de 1980, a indústria brasileira não teve um desempenho interessante em decorrência das políticas de ajuste macroeconômico do início da década e da trajetória da inflação crônica do final. A taxa de crescimento mostrou-se bem inferior em relação à década anterior, com um decréscimo absoluto do produto industrial, somente a indústria extrativa apresentou crescimento, atrelado ao petróleo (NEGRI, 1996; CARNEIRO, 2002). Dessa maneira, conforme Sampaio e Cruz (1992), esse período foi caracterizado pela recessão que dominou o país - *década perdida* -, coibindo o desenvolvimento das atividades econômicas de modo geral e da atividade industrial, em particular.

Em vista da desconcentração industrial direcionada a municípios de porte médio, Americana continuou nesse período de crise econômica a apresentar aumento populacional e crescimento no número de estabelecimentos industriais, e o número de empregados na indústria veio a aumentar em consequência da instalação de empresas de maior porte advindas da metrópole paulista.

O fim da Guerra Fria e a hegemonia econômica norte-americana marcaram o início da década de 1990. A intensificação do processo de globalização admitiu uma nova ordem mundial diminuindo a intervenção do Estado na economia e reforçando a atuação de empresas transnacionais.

A política neoliberal adotada pelo governo nesta fase caracterizou-se pela abertura do mercado brasileiro, redução nas taxas de importação e privatização de empresas estatais. Em contrapartida, ocorreu o aumento do desemprego relacionado às falências de empresas e às inovações tecnológicas introduzidas que diminuíram o número de trabalhadores necessários. Carneiro (2002) afirma que a economia brasileira passou por um processo de liberalização, no qual a abertura financeira tornou-se uma das dimensões mais expressivas ao longo dos anos de 1990. A repercussão disso foi a readequação emergencial por parte das empresas brasileiras em face da concorrência externa, sobretudo o setor industrial vinculado ao ramo têxtil, o qual indica alguma recuperação somente com o estabelecimento de cotas de importação após 1995.

Da mesma forma, a conjuntura econômica na década de 1990 para Americana era de crise, que trouxe consigo o desemprego, devido à modernização dos equipamentos industriais que passavam a necessitar um menor número de trabalhadores.

Em tempos recentes, o processo de globalização que vem se destacando desde a década de 1970, torna-se cada vez mais presente e vem ditando as regras da economia. De acordo com Bresser-Pereira (2007), na forma como este processo se apresenta atualmente pode ser chamado de *capitalismo global*, correspondendo a um sistema econômico no qual todos os mercados se tornam abertos e todos os Estados-Nação passam a se pautar na lógica capitalista, cuja dinamicidade reflete nas rápidas mudanças tecnológicas.

Assim, de acordo com o autor, este processo caracteriza-se pela redução nos custos dos transportes e pela revolução da tecnologia da informação, facilitando a formação e a integração dos mercados no âmbito mundial, e por consequência no aumento da competição econômica internacional e na reorganização da produção patrocinada pelas corporações multinacionais a níveis nunca imaginados. Como exemplo de reorganização pode-se destacar a Ásia, que apresenta grande crescimento econômico desde a década de 1990.

Neste contexto, o setor industrial de Americana, que até então se destacava na indústria têxtil, passou a apresentar maior diversificação devido à crise da década de 1990. A inclusão de atividades industriais diversas em seu parque industrial está atrelada à desconcentração industrial, à abertura do mercado nacional e ao enfraquecimento da atividade têxtil.

Organização espacial de Americana: os cenários urbano-industriais de 1940 até 2000

O predomínio da população urbana em Americana advém da década de 1950, conforme a tabela 1. Os dados apontam o período entre as décadas de 1960 e 1980 como de maior crescimento da população. De acordo com Lima (2002), a forte atração migratória exercida pela cidade, reforça a estreita ligação entre os processos de urbanização e industrialização e explicam o aumento populacional a partir da década de 1960, sobretudo sua concentração na área urbana e consequente diminuição da população rural do município.

Tabela 1 – Comportamento da população de Americana (1940-2000)

	<i>População total</i>	<i>População urbana</i>	<i>População rural</i>	<i>Densidade demográfica (hab/km²)</i>
1940	13.503*	3.233	6.609	93,77
1950	21.415*	9.425	6.658	148,71
1960	37.856	32.000	5.856	262,90
1970	66.316	62.329	3.987	460,53
1980	121.998	121.743	261	847,21
1991	153.840	153.653	187	1.068,33
2000	182.593	182.159	434	1.268,01

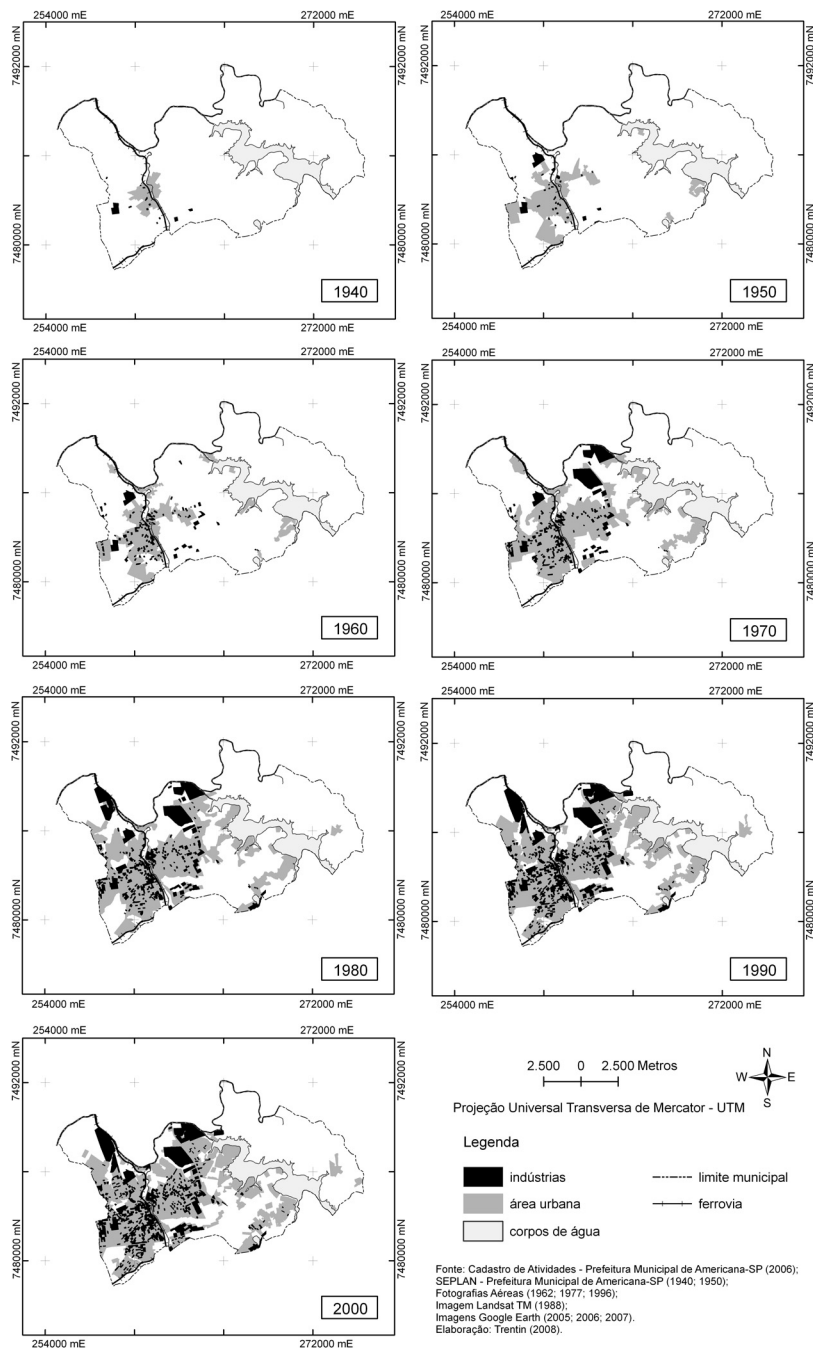
Fonte: Adaptado dos Censos Demográficos do IBGE (1940-2000).

* Neste total está inclusa a população do município de Nova Odessa-SP, que veio a se desmembrar de Americana após 1950.

O aumento populacional, principalmente na cidade, está diretamente vinculado com a expansão da mancha urbana do município, em vista da demanda por infra-estrutura e também pela atração exercida pelo desenvolvimento industrial têxtil. Na figura 2, encontra-se a espacialização da ocupação urbana e industrial para os sete cenários elaborados (décadas de 1940 até 2000).

As representações confirmam o grande crescimento urbano e também industrial, sendo que é possível observar a influência do setor industrial no direcionamento da mancha urbana, sobretudo nas primeiras décadas. Assim, a pequena cidade da década de 1940, com alguns estabelecimentos industriais, torna-se uma cidade de porte médio com inúmeras indústrias espalhadas no espaço intra-urbano, passando da ênfase no ramo têxtil para a diversidade do setor industrial do período recente.

A expansão da área urbana a partir da década de 1940 dá-se em conjunto com a inserção de novos estabelecimentos industriais a leste do território, além da influência das rodovias Anhanguera e Luiz de Queiroz. Dessa forma, passam a se formar núcleos urbanos isolados próximos da represa de Salto Grande. Percebe-se neste cenário uma relativa busca do setor industrial por proximidade à ferrovia e à própria área central da cidade.

**Figura 2 – A ocupação urbano-industrial de Americana-SP (1940-2000)**

Nesta época existia uma relação tensa entre a população das áreas residenciais e as indústrias, devido ao trânsito de carga e aos ruídos dos teares em funcionamento. O aumento da industrialização, e consequentemente da urbanização, trouxe a necessidade de uma legislação municipal. Assim foi promulgada a Lei Nº 176, de 27/07/1948, que dividiu a cidade em quatro zonas para efeito de localização de fábricas, oficinas, depósitos e instalações que interessassem à saúde, à higiene, ao sossego, ao bem-estar e à segurança pública (LINARDI, 1984; MEDEIROS, 2003).

Com essas iniciativas, a administração local buscava controlar o crescimento da cidade, uma vez que já eram visíveis os problemas urbanos. O desenvolvimento industrial que impulsionava a urbanização incitou a especulação imobiliária, fazendo surgir novos loteamentos distantes da área central. De acordo com Medeiros (2003), isso exigia da administração local o fornecimento de infra-estrutura para as novas áreas, já que os loteadores não tinham essa obrigação perante a legislação vigente.

As rodovias também surgiram na década de 1950, simultaneamente ao surto industrial do pós-guerra, pois o sistema rodoviário começou a ser visto como mais eficiente na época e as ferrovias passaram a ser deixadas de lado. Assim, foram construídas rodovias paralelas às ferrovias, seguindo na mesma direção: a Anhanguera, capital-interior, construída a leste do município de Americana e a rodovia Luiz de Queiroz, na direção leste-oeste (Anhanguera-Piracicaba).

O cenário urbano industrial da década de 1950 mostra que o crescimento urbano estendeu-se ainda nos sentidos sul, norte e oeste. Desse modo, observa-se um maior adensamento de estabelecimentos industriais entremeados na mancha urbana central, reafirmando o desenvolvimento industrial que caracterizou o período, principalmente o impulso da atividade façonista têxtil.

A mancha urbana com formato radiocêntrico, característica da década de 1940, passa então a ser tentacular, como também defendem os autores Lima (2002), Medeiros (2003) e Panher (2006). Esse crescimento da área urbana, sobretudo na segunda metade da década de 1950, refere-se ao maior volume de loteamentos efetivados, os quais visavam atender a crescente demanda populacional. De acordo com Lima (2002), no decorrer do processo de crescimento e expansão, vazios urbanos apareceram e influenciaram na configuração do desenho da cidade, em vista das áreas livres e das ilhas de ocupação, além das aglomerações urbanas próximas aos eixos viários principais.

No cenário da década de 1960, especificamente 1962, a ocupação urbana de Americana foi intensificada na parte leste do município e nas proximidades da represa Salto Grande. Houve também grande aumento na concentração de estabelecimentos industriais, a maioria de pequeno porte. No final desta década e início da seguinte, configurava-se uma nova fase para Americana, que começava a receber grande número de migrantes oriundos da metrópole paulistana para atender as grandes empresas que se instalavam ao longo do eixo da rodovia Anhanguera. Esse novo surto industrial promovido pela implantação de indústrias transnacionais impulsionou a industrialização e a urbanização locais (LIMA, 2002). A autora salienta ainda que em 1967, o IBGE aponta Americana como o mais importante centro têxtil do interior paulista, sendo superado apenas pela metrópole paulistana.

A preocupação com o planejamento urbano da época determinou que as regras urbanísticas direcionadas aos loteamentos, zoneamentos e para a construção, fossem modificadas pela Lei Nº 786, de 26/12/66, que passou a vigorar com base no Código Sanitário. O zoneamento estabelecido nesta lei dividia o território em: zona residencial especial; zona residencial restrita; zona comercial; zona industrial; e zona industrial restrita (MEDEIROS, 2003).

Contudo, o cenário de 1977, confirma o avanço cada vez mais intenso da infraestrutura urbana sobre o meio natural do município e até mesmo sobre espaços considerados produtivos para atividades agropecuárias (TRENTIN, 2008). Também é visível a conurbação com o município de Santa Bárbara D'Oeste, além do maior adensamento entre o ribeirão

Quilombo e a Anhanguera, expansão para oeste nas proximidades da rodovia Luiz de Queiroz e também na porção noroeste.

De acordo com Gobbo et al. (1999), a criação do Distrito Industrial na década de 1970, impulsionou a instalação de indústrias de grande porte como Goodyear, Santista, Ripasa e outras, derivadas da desconcentração paulistana, as quais buscaram localizar-se ao longo da rodovia Anhanguera.

Ainda na década de 1970 é instituído um plano diretor para o município, o qual foi elaborado em meio a um panorama político cuja ação governamental concentrava-se no planejamento urbano (LIMA, 2002). Tal plano deixava de lado a preocupação com aspectos da arquitetura e marcos históricos da cidade, pois priorizava a modernidade. Desse modo, desapareceu nessa fase a maioria das construções antigas que representavam o passado de Americana, sendo substituídas por construções modernas.

A expansão na ocupação urbana da década de 1980 (44,18 km²), especificamente no ano de 1988, pode estar relacionada com o aumento do número de indústrias na área do município, já que esta fase caracterizou-se como transição entre o intenso crescimento econômico e a crise que se iniciava. O cenário para a década de 1990 foi abalado pela crise econômica que resultou em sucateamento do parque têxtil e a abertura de mercados aos tecidos estrangeiros, com destaque para os asiáticos. Assim, muitas indústrias foram fechadas e outras transferidas para o Distrito Industrial. Dessa forma, destaca-se o maior crescimento urbano no entorno do Distrito na porção nordeste, além do aumento no número de estabelecimentos que passaram a se instalar no local.

A conjuntura econômica da década de 1990 trouxe consigo o desemprego, em virtude da modernização dos equipamentos industriais que passavam a necessitar de um menor número de trabalhadores. Conforme Lima (2002), esta situação desfavorável começa a dar sinais de melhora a partir de 1996, quando medidas protecionistas à importação são implementadas, além de investimentos para a modernização das empresas que sobreviveram ao tempo de crise.

A partir dos cenários de ocupação urbano-industrial da figura 2, percebe-se a alteração na localização dos novos estabelecimentos industriais que se instalaram no município, próximos ao distrito industrial ou a estabelecimentos de maior porte, além da maior diversificação do parque industrial de Americana. Este fato pode ter relação com a mudança do padrão que vinham seguindo a urbanização e a industrialização, ou seja, novos elementos começam a atuar na escolha da localização industrial e até mesmo na ocupação urbana.

A atividade industrial do município de Americana destacou-se, principalmente no setor têxtil, conforme verificado no histórico de desenvolvimento urbano-industrial local. Segundo os dados do Cadastro de Atividades da Prefeitura Municipal de Americana, ocorreu um grande aumento no número de estabelecimentos industriais instalados entre a década de 1940 e o período recente. Enquanto na década de 1940 havia 13 estabelecimentos no município, o período recente aponta um saldo de aproximadamente 1500 indústrias instaladas (Figura 3).

Já Lima (2002) apresenta dados do IBGE, em que são contabilizados 100 estabelecimentos industriais para Americana no período entre 1940 e 1950, o que representava aproximadamente, segundo a mesma fonte, 2.414 pessoas empregadas na atividade industrial.

A década de 1960 representou um acentuado crescimento urbano em decorrência do número de indústrias novas acrescido ainda à própria expansão da rede fabril. Os serviços e equipamentos multiplicaram-se nos últimos anos e o poder público esboçava não apenas diretrizes, mas também buscava previsões de utilização futura. A mudança no processo de produção repercutiu no nível da estrutura física da cidade, pois, enquanto os estabelecimentos maiores precisavam de um local e uma série de recursos, as tecelagens menores, especialmente as fações, espalharam-se em todas as direções a partir da área central (LINARDI, 1984).

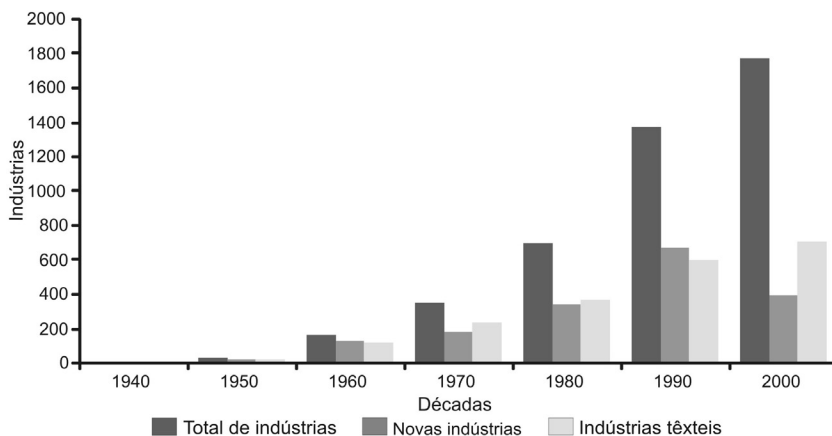


Figura 3 – Número total, de novas indústrias e de indústrias têxteis em Americana (1940-2000)

Fonte: Cadastro de Atividades da Prefeitura Municipal de Americana, 2006.

Apesar da crise econômica da década de 1990, o número de indústrias cadastradas na Prefeitura Municipal continuou crescente. Considerando a situação econômica que induziu ao fechamento de muitas unidades fabris, esse crescimento não deveria ser contínuo, no entanto, isto se deve a falta de um maior controle e atualização do cadastro de atividades, fato também verificado por Lima (2002) e Panher (2006).

Entretanto, o contínuo aumento populacional e da ocupação urbana ao longo do período analisado (1940-2000), deixam entrever a necessidade de planejar a cidade para que tenha continuidade o crescimento econômico local e também possam ser oferecidas condições satisfatórias de infra-estrutura à população. Afinal, Americana, por ser uma cidade de porte médio, apresenta potencial crescimento, dado seu período de recuperação referente à crise econômica da década de 1990 e a influência da globalização sobre a economia nacional e, por consequência, local.

A elaboração do novo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) por parte da administração local efetivou-se conforme obrigatoriedade imposta pela Constituição Federal Brasileira de 1988. No texto deste plano, aprovado e em vigor desde 2008, é perceptível a grande preocupação com o ordenamento territorial do município e em especial da área urbana, de forma a garantir qualidade de vida à população local, uma vez que o próprio território impõe restrições para a expansão da área urbana.

PALAVRAS FINAIS

O processo de expansão urbano-industrial de Americana analisado a partir de 1940 até a primeira metade da década de 2000, tornou evidente a influência dos reflexos advindos da política nacional e internacional no cenário econômico local. Dessa forma, Americana urbanizou-se e industrializou-se tendo como pano de fundo o suporte da cafeicultura que impulsionou a construção das ferrovias e o início do processo de industrialização brasileira.

A atuação do façõnismo, os planos de desenvolvimento elaborados e postos em prática pelos diferentes dirigentes do país, o grande desenvolvimento e concentração urbano-industrial do estado de São Paulo - especialmente da metrópole paulistana, que passa a apresentar-se como deseconomia de aglomeração a partir da década de 1970, e impulsiona o incipiente processo de desconcentração industrial, mas não administrativo - têm um papel considerável no crescimento e desenvolvimento do município de Americana, assim como de muitos municípios do entorno da área metropolitana.

Aliado a esses fatores, estão ainda os atrativos desenvolvidos pela própria localidade para investimentos industriais no território, assim como a infra-estrutura pré-existente e a importância alcançada pelo estado paulista durante todo o processo histórico brasileiro. Desse modo, Americana destacou-se no setor secundário, com maior importância na indústria têxtil. Esse direcionamento econômico conferiu-lhe um rápido desenvolvimento vinculado à concentração populacional urbana que já na década de 1950 torna-se maior que a rural, além de um processo intenso de urbanização que o caracteriza como um município quase totalmente urbanizado.

O atual crescimento urbano-industrial de Americana admite a necessidade de planejamento para seu território, e isso é uma preocupação prevista no novo PDDI, posto que se trate de um município de médio porte com perspectivas de crescimento no cenário econômico nacional. No entanto, seu espaço territorial começa a restringir-se a partir do cenário urbano mais recente, ao mesmo tempo em que é verificada uma lenta, mas perceptível, diminuição em sua expansão urbano-industrial e populacional, em conformidade com as tendências verificadas nos centros urbanos no decorrer das últimas décadas.

AGRADECIMENTOS

À FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo nº. 06/54766-0.

REFERÊNCIAS

AMERICANA. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Americana** – Projeto de Lei nº 061 de 21 de Setembro de 2006. Americana: Secretaria de Planejamento e Controladoria (SEPLAN), 2006.

AMERICANA. Prefeitura. Secretaria. Secretaria de Planejamento e Controladoria. SEPLAN. Setor de Cadastro Técnico. **Cadastro de Atividades Econômicas**. Americana: SEPLAN, 2006.

ANDERSON, J. R. et al. **Sistema de classificação do uso da terra e do revestimento do solo para utilização com dados de sensores remotos**. Tradução de Harold Strang. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1979.

ANDRADE, M. C. de. **História Econômica e Administrativa do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1979. 139 p.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. 239 p.

BRESSER-PEREIRA. **Globalização e Estado-Nação**. Texto para discussão. São Paulo: EESP/FGV, 160, abril, 2007. Disponível em <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2007/07.25.GlobalizaçãoeEstadonacão.Agos28.pdf>> Acesso em 24 de novembro de 2007.

BRYAN, A. S. **Americana, sua história**. Americana: S/e, 1967. 73 p.

BRYAN, A. S. Americana de ontem: História de Americana. In: BIANCO, J. et al. (Org.) **Americana, São Paulo, Brasil**. Edição Histórica. São Paulo: Focus, 1974. p. 7–20.

CARLOS, A. F. A. **Espaço e Indústria**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989. p. 70.

CARNEIRO, R. **Desenvolvimento em crise**: a economia brasileira no último quarto do século XX. Campinas: Editora da Universidade Estadual Paulista, Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

FURTADO, Celso. **O longo amanhecer**: reflexões sobre a formação do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. 116p.

GEIGER, P. P. **Evolução da rede urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/ Ministério da Educação e Cultura, 1963. 457 p.

GLOBAL LAND COVER FACILITY. GLCF. **Data & Products**: Landsat. 1988. Disponível em <<http://glcf.umd.edu/data/>> Acesso em 20 de fevereiro de 2007.

GOBBO, C. et. al. **Preservando nossa história**. Americana: Heloísa C. Pavan, 1999.

GOOGLE EARTH 4.0. [S.l.]: Google, 2007. Disponível em <<http://earth.google.com/>>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censos Demográficos de 1940; 1950; 1960; 1970; 1980; 1991; 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 1940; 1950; 1960; 1970; 1980; 1991; 2000.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. IPT. **Mapa geológico do Estado de São Paulo**. São Paulo: IPT, 1981. 2 mapas. Escala 1:500.000.

LENCIONI, S. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e transformações industriais. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 12, p. 27-42, 1998.

LENCIONI, S. Cisão territorial da indústria e integração regional no estado de São Paulo. In: GONÇALVES, M. F.; BRANDÃO, C. A.; GALVÃO, A. C. (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões**: o desafio urbano-regional. São Paulo: EDUNESP/ANPUR, 2003. 465–475 p.

LIMA, D. M. de. **Americana em um século**: a evolução urbana de uma cidade industrial de porte médio. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

LINARDI, M. C. N. **A produção do espaço físico em Americana-SP**. 1984. 146f.

Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.

MEDEIROS, A. C. **Análise ambiental do processo de urbanização em Americana, SP**: diretrizes para elaboração da gestão ambiental, através da técnica do geoprocessamento. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.

NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996. 242 p.

PANCHER, A. M. **Desenvolvimento de métodos para identificação e caracterização de Brownfields têxteis em Americana/SP**: potencialidades e limitações da videografia. 2006. 238f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. 364 p.

PRADO JR, C. **A Questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SAMPAIO, S. S. A industrialização de Rio Claro: contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo. **Geografia**, v. 12, n. 24, p. 1 – 60, out., 1987.

SAMPAIO, S., CRUZ, R. de A. P. Estrutura, processo, espaço e política local: quatro faces da industrialização de Rio Claro - SP, no período 1980-1990. **Geografia**, v. 17, n. 2, p. 27-44, 1992.

SÃO PAULO (Estado). Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. SEADE. **Informações Municipais**: Perfil Municipal. Disponível em <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil>> Acesso em: 23 de março de 2006.

SINGER, P. **A crise do "milagre"**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

TRENTIN, G. **A expansão urbano-industrial do município de Americana-SP**: geotecnologias aplicadas à análise temporal e simulação de cenários. 237f. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2008.

Recebido em agosto de 2009

Aceito em outubro de 2009